

Delfim confirma que Inglaterra não quer dar créditos

GLÁUCIA DA MATTÀ MACHADO
Correspondente

LONDRES — O Ministro do Planejamento, Delfim Netto, admitiu ontem estar tendo dificuldades para conseguir a participação da Grã-Bretanha nas linhas de garantia a créditos comerciais, num total de US\$ 2,5 bilhões, que serão concedidos ao Brasil pelos governos dos países industrializados em 84. Embora garantisse não ter nenhum encontro marcado com banqueiros ou autoridades do Governo britânico, Delfim alterou o roteiro inicial da viagem e decidiu ficar dois dias em Londres, e não apenas um como planejava.

Estas linhas de crédito são essenciais ao fechamento do pacote financeiro de cerca de US\$ 11 bilhões para 83 e 84, que o País vem negociando com os bancos e os governos nos últimos meses. Ainda estão faltando cerca de US\$ 300 milhões para completar o empréstimo jumbo de US\$ 6,5 bilhões acertado com os ban-

cos comerciais, dos US\$ 2,5 bilhões em linhas de crédito, confirmou-se apenas US\$ 1,5 bilhão com o Eximbank dos Estados Unidos, para a compra de produtos americanos.

O Ministro assegurou que os entendimentos com os governos para a concessão das garantias de crédito estão caminhando bem:

— Em todos os países as coisas estão andando normalmente. O que falta, deveremos obter entre Europa e Japão. Na Inglaterra está um pouco complicado, mas, no mais, está normal.

Os problemas com o Governo britânico já haviam sido confirmados, terça-feira em Washington, pelo Secretário Adjunto do Tesouro americano, R. T. McNamar, ao retornar de uma viagem ao Brasil. Comentasse, nos círculos bancários europeus, que a indecisão dos bancos em se comprometer com os US\$ 300 milhões que faltam ao jumbo de US\$ 6,5 bilhões se deve à reticência dos governos em participar dos US\$ 2,5 bilhões em linhas de crédito.

Delfim não acredita que o Presi-

dente do Banco do Brasil, Oswaldo Colin, tenha declarado que é necessário um empréstimo-ponte de US\$ 300 milhões para fechar as contas do Brasil este ano:

— O que ele disse é que, quando se fechar o empréstimo que estamos obtendo (o de US\$ 6,5 bilhões) deverá haver uma primeira tranche (parcela) de US\$ 3 bilhões, com a qual esperamos terminar com todos os atrasos comerciais até o fim do ano.

Quanto aos entendimentos mantidos no Oriente Médio e na Espanha, Delfim foi vago e não mencionou números:

— Os resultados são muito promissores a curto prazo.

Indagado sobre as sugestões de empresários e economistas brasileiros para que o País renegocie sua dívida externa com prazos maiores e incluindo os juros, Delfim comentou:

— É uma proposta permanente nas nossas discussões. Acho que é nessa linha que deveremos marchar. Mas não está na hora ainda.



“Estou cansado de pessoas que falam grosso, cansado de ver leão virar gato. Vamos viver para ver o que acontece”

MINISTRO DO PLANEJAMENTO, DELFIM NETTO, ao comentar a decisão do Presidente da Argentina, Raúl Alfonsín, de não permitir a imposição de medidas recessivas pelo Fundo Monetário Internacional.